

PREDICAR VIA DIACONSTRUÇÃO DE REPRESENTAÇÃO EM PORTUGUÊS E ESPANHOL

Jeane Nunes da Penha

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Marcia dos Santos Machado Vieira

Universidade Federal do Rio de Janeiro/CNPq e Faperj

RESUMO: Neste capítulo, mapeamos atributos de *forma e função* de construções compostas por predicadores verbo-nominais que conceptualizam algum tipo de simulação, representação. E, então, desenhamos a rede de unidades construcionais que licencia usos desses predicadores. Defendemos que a construção mais esquemática que indica representação é uma diaconstrução (cf. HÖDER, 2012 e 2014), pois licencia usos que observamos tanto no Português Brasileiro (PB) quanto no Espanhol Americano (EA). Lançamos mão de uma análise quali-quantitativa de *corpora* reunidos por meio de coleta de dados do uso na plataforma online Google e no gerenciador de *corpus Sketch Engine*. Os resultados evidenciam que a unidade construcional no nível mais alto e abstrato de esquematização de predicador de representação dá margem a diferentes *types* construcionais no PB e no EA. Seus *tokens/usos*, a depender dos contextos em

que estão inseridos, podem traduzir uma dissimulação e/ou uma atitude (inter) subjetiva dos falantes.

INTRODUÇÃO

A partir de uma perspectiva construcionista, observamos a língua como uma gama de construções, pareamentos de *forma* e *significação/função*, cognitivamente engendradas em uma rede rica e extensa e por meio de *links* relacionais e *links* de herança entre essas unidades.

Compreendendo que determinados padrões construcionais não são específicos de uma dada língua, assumimos que, na configuração da rede construcional que constitui nosso conhecimento linguístico, existam, conforme Höder (2012 e 2014), diaconstruções (*diaconstructions*) responsáveis por apreender pareamentos de atributos formais e funcionais em comum entre duas ou mais línguas naturais e não especificados pragmaticamente, além de outros tipos de construções. Nesse sentido, partimos de um olhar construcionista diassistêmico da linguagem para detectar pareamentos de *forma* e *função* vinculados ao rol de predicadores de representação. As construções dessa natureza aqui examinadas envolvem um *slot* de verbo suporte, preenchido por FAZER(-SE), verbo de ação ou de processo de mudança, no Português Brasileiro (PB) ou pelo *verbo de cambio* HACERSE no Espanhol Americano (EA),¹ que opera sobre um elemento nominal, formando com este um predicador verbo-nominal complexo de representação, conforme esquematicidade modelada a seguir:

[participante1 participante2 [ELEMENTO VERBAL FAZER(-SE)/HACERSE +
(determinante/preposição) + ELEMENTO NOMINAL(-sufixo)]predicador verbo-nominal
participante3]predicação de representação/simulação

Ilustramos esse tipo de predicador com base nos dados de (1) a (4):

- (1) Segundo a polícia, após empurrar a criança de cinco anos, a idosa ainda teria debochado da ação e afirmado que iria *se fazer de louca* para não

¹ Como será ilustrado na seção de metodologia, os dados oriundos do espanhol foram coletados com a ajuda do *Sketch Engine*, que separa os dados entre variedade americana e variedade europeia. Por optarmos em analisar somente aqueles caracterizados como “espanhol americano”, adotamos ao longo do texto a nomenclatura Espanhol Americano (EA). Entendemos que na América o espanhol não é homogêneo, por isso, ressaltamos que não se trata de uma categoria sociolinguística em si, mas de demarcar a origem do *corpus*.

- ser punida [Fonte: <https://www.folhavitoria.com.br/policia/noticia/06/2014/crianca-e-arremessada-do-segundo-andar-e-idosa-acaba-presa-na-serra>]
- (2) As pessoas que gostam de *fazer de vítimas* acabam, sem perceber, afastando pessoas de suas vidas, e em alguns casos, se tornando ainda mais solitárias. [Fonte: <https://gerandoaguas.com/vitimismo/>]
 - (3) Lo miré sorprendido y siguió diciéndome que tenía que encontrar una fórmula para lograr que toda la gente se ocupara de él. Creo que fue esa vez que decidí comenzar a *hacerse el loco*. [Fonte: <http://malaspalabras.org/ali-un-hombre-libre/>]²
 - (4) Cuando algún tiempo más tarde él fue a un programa de televisión a hablar de nosotros, a *hacerse la víctima*, ya no me importaba. Solo pensaba cómo podía haber sido tan idiota y recordé cuando años atrás me descubrieron el papiloma y me comí yo solita las innumerables biopsias [Fonte: <https://okdiario.com/look/famosos/chenoa-10-revelaciones-libro-235815/fotos/9>]³

As construções destacadas nos quatro exemplos têm em comum a ideia de um fingimento, simulação: em (1) e (3), observamos uma representação voltada para uma falsa lucidez, cuja finalidade é controlar uma situação (em (1) fingir loucura para esquivar-se de uma punição; em (3) fingir loucura para ter a atenção do outro); em (2) e (4), notamos uma simulação que tem por foco a obtenção de algum proveito (em (2) prejudicar alguém em prol de uma vantagem pessoal; em (4) lograr a pena do interlocutor).

Os dados mostram-nos que o recurso de utilizar padrões complexos com os verbos em foco para indicar representação é acionado entre falantes do PB e falantes do EA. Sendo assim, objetivamos, para além do mapeamento dos aspectos formais e funcionais, traçar os (sub)esquemas e microconstruções licenciados a partir da construção mais esquemática e geral de representação. Essa apresenta configuração de uma diaconstrução na medida em que possibilita o acionamento de dados licenciados por predicadores complexos de representação em mais de uma língua, ou seja, tanto entre os dados do PB quanto entre os dados do EA, delineados por atributos formais e funcionais semelhantes nessas línguas.

² Olhei para ele com surpresa e ele continuou me dizendo que precisava encontrar uma fórmula para fazer com que as pessoas cuidassem dele. Acho que foi nesse momento que ele decidiu começar a *fazer-se de louco* (tradução nossa).

³ Quando, algum tempo depois, ele apareceu em um programa de televisão para falar sobre nós, para *fazer-se de vítima*, eu não me importei mais. Eu estava pensando como pude ser tão idiota e me lembrei de quando anos atrás meu papiloma foi descoberto e eu mesma comi as incontáveis biópsias (tradução nossa).

A PERSPECTIVA DIASSISTEMÁTICA NO MODELO CONSTRUCIONISTA DA LINGUAGEM

Na abordagem construcionista, a unidade básica do conhecimento linguístico do falante é a construção (cf. GOLDBERG, 1995 e 2006), sendo esta formada a partir de um pareamento convencionalizado e simbólico entre *forma* (fonético-fonológica, segmental e suprasegmental, morfossintática e/ou lexical) e *função* (semântica, pragmática, discursiva, cognitiva e social). As construções podem ser gramaticais ou lexicais, podem variar quanto a sua extensibilidade e complexidade, pois vão desde morfemas até estruturas mais complexas, sob a condição de que alguma característica formal ou funcional não seja apreendida com base em parte de seus constituintes ou de outras construções já entrincheiradas no inventário linguístico dos falantes.

Lançamos mão da *metáfora do conhecimento modelado em rede* para definir uma língua natural, uma vez que consiste em um conjunto de construções hierárquicas que, interconectadas, compõem uma rede extensa, na qual verificamos relações verticais/taxonômicas, que dizem respeito à esquematização que é possível desenhar no exame da relação entre unidades construcionais mais abstratas e unidades concretas instanciadas através do uso, da experiência textual-discursiva, e relações horizontais, observadas entre construções em um mesmo nível de abstração.

Podemos caracterizar as construções gramaticais a partir da sua (i) produtividade (relacionada com a expansão por meio do surgimento de novos *types* construcionais e com os *tokens* de seu uso); (ii) composicionalidade (nível de (não)opacidade/transparência da ligação semântica/sintática entre os polos de forma e função dos componentes da construção gramatical); (iii) esquematicidade (desenvolvimento de esquemas que se revelam em termos de *slots* mais ou menos sujeitos a variação de preenchimento ou relação de *slots* delineados com base em atributos formais e funcionais mais gerais e subesquemas) (cf. TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013); e (iv) contextualidade (parâmetro relativo a propriedades do contexto na inferência de sentido associado às construções), conforme Goldberg (2016).

O fenômeno da variação tem lugar nas generalizações construcionistas, podendo a similaridade ser percebida em atributos de ambos os polos de uma construção gramatical. Como defende Machado Vieira (2020a, p. 34), o termo variação é abrangente, pois “também alcança a concepção de que uma língua é um diassistema”, dado que pode ser construído a partir da análise de usos

licenciados por dois ou mais sistemas linguísticos. Höder (2012 e 2014) defende uma abordagem construcional diassistêmica, já que, segundo o autor, seria possível inter-relacionar duas línguas e/ou variedades de uma mesma língua com base em similaridades funcionais e/ou formais. Essa interconectividade linguística ocorre porque falantes, cujo perfil é multilíngue ou pelo menos multidialetal, seriam capazes de organizar seu conhecimento linguístico a partir da abstração e da categorização de elementos de diferentes idiomas/variedades em prol do entrenchamento de uma gramática comum a mais de uma língua, ou nem linguística nem pragmaticamente especificada.

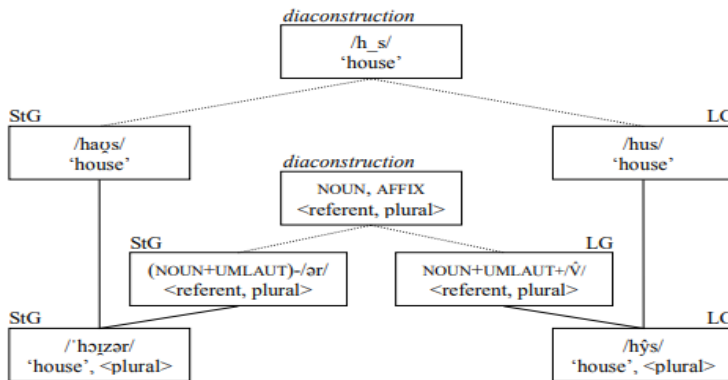
A categorização interlinguística permite-nos chegar ao estabelecimento do que Höder (2012 e 2014) classifica como *diaconstruction* (diaconstrução): generalização formal-funcional na base da interconexão de línguas e/ou variedades distintas, que apreende o que há em comum entre estas. Nas palavras do autor:

[...] O resultado de uma identificação interlingual bem-sucedida é uma ligação diassistêmica estabelecida entre dois elementos diferentes, ou seja, um mapeamento socialmente convencionalizado. Se tomarmos uma ligação diassistêmica entre dois elementos específicos da linguagem como constituindo um item mais abstrato dentro de um sistema abrangente compartilhado pelas duas línguas, então podemos assumir a existência de ‘dia-elementos’ (Höder 2012, p. 245-246)⁴ (tradução nossa).

Em Höder (2014), podemos observar um exemplo de rede construcional organizada, por herança, a partir de construção diassistêmica e a licenciar construções em duas variedades do alemão (o alemão padrão e o baixo alemão):

⁴ [...] The result of a successful interlingual identification is an established diasystematic link between two different elements, i.e. a socially conventionalised mapping. If we take a diasystematic link between two language-specific elements as constituting a more abstract item within an overarching system shared by the two languages, then we can assume the existence of ‘dia-elements’ (cf. original).

Figura 1 – Exemplo de rede de construção diassistêmica.



Fonte: Höder (2014).

De acordo com o autor, os lexemas para *casa* nas duas variedades estão ligados por meio de uma diaconstrução, responsável pelo estabelecimento de um conceito lexical semanticamente comum para ambas variedades. Além disso, a diaconstrução atribui ao conceito a forma fonológica esquemática “h_s” e define algumas propriedades morfológicas como classe de palavra (substantivo), gênero (neutro) e plural.

Assim como Höder (2012, p. 246), acreditamos que seja possível hipotetizar uma rede de construções diassistemicamente configurada para projetar construções que indiquem algum tipo de representação entre as línguas românicas, Português e Espanhol, visto que são sistemas linguísticos derivados do Latim vulgar:

[...] O grau com que duas variedades em contato participam do diassistema comum depende, é claro, de sua similaridade tipológica: linguagens intimamente relacionadas e tipologicamente semelhantes podem desenvolver mais facilmente um alto grau de diassistematicidade - ou seja, a interseção comum de seus sistemas é maior - do que línguas mais distantes, que retêm uma proporção maior de idiosincrasias em seus sistemas⁵ (tradução nossa).

Já em Weinreich (1964 [1953]: 9f. *apud* HÖDER, 2014), vemos o argumento de que falantes bilíngues podem tratar dois itens lexicais de dois idiomas (ou mais) distintos como diferentes representações de uma única noção.

⁵ [...] The degree to which two varieties in contact participate in the common diasystem depends, of course, on their typological similarity: closely related and typologically similar languages can more easily develop a high degree of diasystematicity – i.e. the common intersection of their systems is larger – than more distant languages, which retain a larger proportion of idiosyncrasies in their systems (cf. original).

Também Machado Vieira (2020b, p. 40) chama a atenção para o conhecimento interlíngua que organizamos com base em diversas experiências de aquisição e aprendizagem de língua:

[...] a interlíngua constitui o repertório de padrões construcionais que viabilizam acesso a enunciados inéditos, compreensão destes e, enfim, *insights* sobre novas experiências de uso, para além do fato de que a exposição repetida a certos *inputs* linguísticos favorece o entrincheiramento de certas representações na memória do falante.

Segundo a autora, a interlíngua, em outras palavras, o repertório linguístico intitulado de *constructicon*, abarca generalizações sobre (meta)construções, lexemas, relações entre *types* construcionais ou combinação de lexemas – inclusive unidades menores que os lexemas.

Nesse sentido, entendemos que, além de ser urgente perspectivar nosso conhecimento gramatical para além da fronteira associada a um idioma, uma análise acerca da diassistematicidade que supomos haver entre instâncias do português e instâncias do espanhol, duas línguas românicas, soma subsídios à descrição de predicação que é gramaticalmente comum a essas línguas.

Esforços iniciais sobre a descrição da diassistematicidade entre ambas as línguas podem ser vistos em Penha (2021). Segundo a autora, no Brasil, é importante reconhecer o multilinguismo e o multidialetalismo, ou seja, a coexistência de diferentes línguas e/ou variedades de línguas. Se pensarmos geograficamente, somos os únicos habitantes da América do Sul a falar português como idioma oficial, já que os nossos “vizinhos” são todos hispano-falantes. Em função disso, “diversos falantes brasileiros encontram-se em situação de bilinguismo cotidiano, pois ou experimentam interlocuções em região de fronteira com países latinos ou convivem com falantes do espanhol em território nacional” (PENHA, 2021, p. 78).

PREDICAÇÃO DE REPRESENTAÇÃO: VERBO (SEMI-)SUPORTE, VERBO DE CAMBIO

Predicações estruturam-se com base em predicadores. Os verbos compõem a classe predadora por excelência. No português, assim como em outras línguas, como o espanhol, o francês e o italiano, por exemplo, há verbos que, quando compatibilizados a *slots* que operam sobre elementos não verbais, se sujeitam a extensões de usos e de sentido. Com isso, passam a formar uma estrutura predicante complexa que, assim como os predicadores simples, são capazes de projetar papéis participantes que, por conseguinte, têm lugar sintático e se relacionam aos argumentos na construção de predicação que resulta em proposição verbal

(cláusula, oração), bem como lhes atribuem papéis temáticos. Classificamos essa categoria predicante de predicador complexo com verbo suporte.

Como o nome já nos sugere, o verbo suporte é aquele que serve de apoio a um elemento nominal, de natureza substantiva ou adjetiva, formando com este uma unidade complexa predicante:

- (5) O presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, “*se faz de bobo*” ao se reunir com o líder espiritual tibetano, o dalai-lama, em um encontro que só serve para “irritar a China e fazer com que os chineses contestem a sinceridade de Washington” [...] [Fonte: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2014/02/22/imprensa-chinesa-acusa-obama-de-se-fazer-de-bobo-por-reuniao-com-dalai-lama.htm>]

Em (5), observamos que o verbo *fazer*, embora não se trate de um verbo pleno com sentido prototípico de produzir/construir, compatibilizado com o elemento nominal adjacente preposicionado, ou seja, na construção predicante complexa com verbo suporte, mantém a ideia de construção de algo, como a construção de uma imagem/aparência. Nesse sentido, por meio de uma opinião/crítica, vemos que o ex-presidente dos Estados Unidos é acusado de simular um comportamento que não condiz com o mesmo.

Além das instâncias com verbos suportes, podemos notar ainda possibilidades de instanciação com o que intitulamos de verbo (semi)-suporte (cf. MACHADO VIEIRA, 2018):

- (6) O pequeno hamster não é o primeiro animalzinho que fez sucesso ao *se fingir de morto* no YouTube. O cãozinho Bailey, em 2009, conquistou o mundo ao *se fazer de morto* no colo do dono. [Fonte: <https://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2012/05/hamster-que-se-finge-de-morto-e-o-novo-hit-do-youtube.html>]

O verbo suporte e o verbo (semi)-suporte são diferenciados pela frequência. Se pensarmos na categoria verbal suporte, vemos elementos mais prototípicos e elementos que mais se afastam do cerne da categoria e, por conseguinte, são acionados para esse papel mais periféricamente. Dessa forma, observamos *fazer* com mais característica de suporte, ou seja, é mais acionado para a posição de verbo suporte na construção de predicação de representação e outros, como *fingir*, que não são tão frequentemente acionados como instrumentos gramaticais de verbalização de elemento nominal, mas que, dependendo do contexto, podem ser “chamados” para preencher o *slot* de verbo suporte por força de atração ou

por força de coerção. Embora seja normalmente verbo pleno, “fingir” associa-se a uma inferência semântica que está alinhada à da significação proeminente na construção (representação, simulação). Vale lembrar que o significado emerge na contextualidade do uso e que, a depender do contexto de uso semântico-pragmático em que uma estrutura predicante está inserida, esta pode desempenhar diferentes funções.

No espanhol, encontramos um (sub)conjunto de verbos, normalmente denominados *verbos de cambio* ou *pseudo/semi-copulativos* (cf. CONDE NOGUEROL, 2015), que expressam uma mudança e/ou transformação no estado; esta pode estar relacionada à idade, comportamento, forma física, *status social* e econômico, profissão, religião, ideologia, entre outras características, de um determinado referente. Sobre essa categoria verbal, Hanušová (2016, p. 9) expressa que:

[...] segundo a definição da RAE “vinculam um sujeito a um predicativo adicionando algum conteúdo, geralmente aspectual ou modal, à predicação em que atuam como elos” (2009:2835). Indica também que esta classe de verbos, “ao receber o predicativo, modifica seu significado e suas propriedades gramaticais (2011: 213)”⁶ (tradução nossa).

O verbo de mudança de estado do espanhol *hacerse* expressa a noção de mudança de vários tipos, como, por exemplo, adquirir uma profissão (*se hizo profesor*), uma nova ideologia (*se hizo comunista*), uma transformação (*hacerse vinagre el vino*) e, como mencionado na parte introdutória desta investigação, um fingimento (*hacerse la boba*):

- (7) Valerie Domínguez quedó en el imaginario colectivo como la reina que trató de aprovecharse de un programa gubernamental mal diseñado, pero cuando fue descubierta prefirió devolver la plata y ***hacerse la boba***. [Fonte: <https://razonpublica.com/dominguez-colmenares-o-la-justicia-espectaculo/>]⁷

Notamos, em (7), que a construção em destaque *hacerse la boba* sinaliza uma modalização discursiva (crítica), pois representa um ponto de vista/julgamento do emissor do texto sobre outra pessoa: fingir ser boba após tentar aproveitar-se de uma situação e se dar mal. Há, portanto, entre dados de verbo de mudança de estado

⁶ [...] según la definición de la RAE « vinculan un sujeto con un atributo añadiendo algún contenido, generalmente aspectual o modal, a la predicción en la que actúan como nexos » (2009: 2835). También indica que esta clase de verbos, « al recibir el atributo, modifican su significado y sus propiedades gramaticales » (2011: 213) (cf. original).

⁷ Valerie Domínguez permaneceu no imaginário coletivo como a rainha que tentou tirar proveito de um programa governamental mal elaborado, mas quando foi descoberta preferiu devolver o dinheiro e ***se fazer de boba*** (tradução nossa).

usos de *hacerse* que são associados ao papel de verbo suporte, uma vez que, ao operarem sobre um elemento não verbal predicante, constituem com ele um todo funcional, um predicador complexo. Destacamos, novamente, a importância do contexto de uso para detectar, entre os diferentes *tokens*, ocorrências licenciadas por predicadores complexos de representação, simulação.

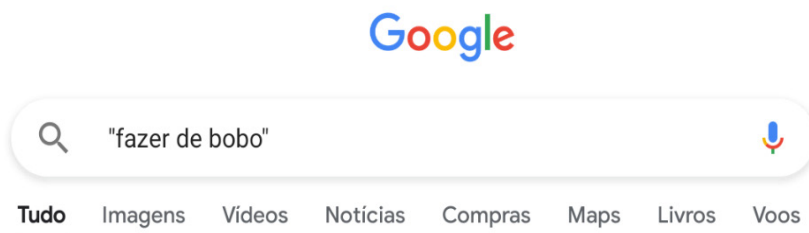
Vemos que tanto o verbo FAZER do PB quanto o verbo de mudança de estado HACERSE do EA são acionados no primeiro *slot* da construção de representação, pois, nos contextos apresentados até aqui, indicam uma simulação quando compatibilizados a um elemento nominal (substantivo ou adjetivo) em uma estrutura predicante complexa. Nesse sentido, perdem parte de seu conteúdo semântico primário, passam operar como verbalizadores de elementos que não têm, de partida, esse caráter de verbalidade e, então, formam *chunks* e, por isso, são tidos como suportes.

FORMAÇÃO DOS CORPORA E METODOLOGIA

Partimos da premissa de que a língua é apreendida a partir dos contextos reais de uso, isto é, no processo de interlocução entre os falantes. Por isso, contamos com dados examinados em contextos reais de uso, uma vez que estes nos conduzem a explicações centradas na análise empírica.

Para a coleta de dados com o verbo suporte FAZER do PB, realizamos uma busca direta na plataforma online Google, em função da sua fácil acessibilidade. Como observado na Imagem 1, cada microconstrução pensada foi pesquisada entre “aspas” com o verbo suporte no infinitivo seguido de elemento nominal introduzido pela preposição “de”:⁸

Imagem 1 – Procedimento inicial de coleta dos dados via Google.



⁸ Embora muitos dados apresentem em suas formas o pronome reflexivo SE, cabe reforçar aqui que nenhum padrão foi pesquisado com a presença do pronome, como por exemplo, “fazer-se de vítima”.

Devido à dificuldade em identificar a variedade do espanhol na coleta direta via Google, para a coleta de dados com o verbo de mudança de estado HACERSE do EA, partimos para uma busca no gerenciador de *corpus Sketch Engine* (<https://www.sketchengine.eu>, acesso em 30 de maio de 2021), uma vez que este realiza tal identificação, como pode ser notado nas Imagens 2 e 3:

Imagem 2 – Dado do Espanhol Americano segundo gerenciador *Sketch Engine*.

haciendo el huasca que es una manera práctica de **hacerse el loco** o el estúpido, respondendo a todas as acusações de ↑ ↓

escreva para pesquisar

<input type="checkbox"/>	Número de token	332315342	
<input type="checkbox"/>	Número do documento	928528	
<input type="checkbox"/>	1º domínio (por exemplo, com)	educação Física	
<input type="checkbox"/>	2º domínio (por exemplo, co.uk)	peru21.pe	
<input type="checkbox"/>	Data de rastreamento	16/03/2018 07:39	
<input type="checkbox"/>	doc.wordcount	1067	
<input type="checkbox"/>	Pontuação do idioma americano	5945	
<input type="checkbox"/>	Pontuação do idioma europeu	5902	
<input checked="" type="checkbox"/>	Variedade de linguagem	Espanhol_Americano	
<input type="checkbox"/>	p.heading	=== NENHUMA ===	
<input type="checkbox"/>	Título	Beto Ortiz: La caída del inca Opinión Peru21	
<input type="checkbox"/>	URL	http://archivo.peru21.pe/opinion/beto-ortiz-caida-inca-2269875	

PERTO **SALVE**

Imagem 3 – Dado do Espanhol Europeu segundo gerenciador *Sketch Engine*.

orma: pedaleando. </s> <s> Igual no es una cosa de **hacerse el loco** allá y al otro día no poder pedalear”, finalizó el cicli ↑ ↓

escreva para pesquisar

<input type="checkbox"/>	Número de token	693016019	
<input type="checkbox"/>	Número do documento	1941496	
<input type="checkbox"/>	1º domínio (por exemplo, com)	py	
<input type="checkbox"/>	2º domínio (por exemplo, co.uk)	gov.py	
<input type="checkbox"/>	Data de rastreamento	12/03/2018 05:04	
<input type="checkbox"/>	doc.wordcount	77	
<input type="checkbox"/>	Pontuação do idioma americano	453	
<input type="checkbox"/>	Pontuação do idioma europeu	453	
<input checked="" type="checkbox"/>	Variedade de linguagem	Espanhol europeu	
<input type="checkbox"/>	p.heading	=== NENHUMA ===	
<input type="checkbox"/>	Título	Secretaría Nacional de Deporte :: Roa y un desafío de altura	
<input type="checkbox"/>	URL	http://www.snd.gov.py/index.php/noticias/roa-y-un-desafio-de-altura	

PERTO **SALVE**

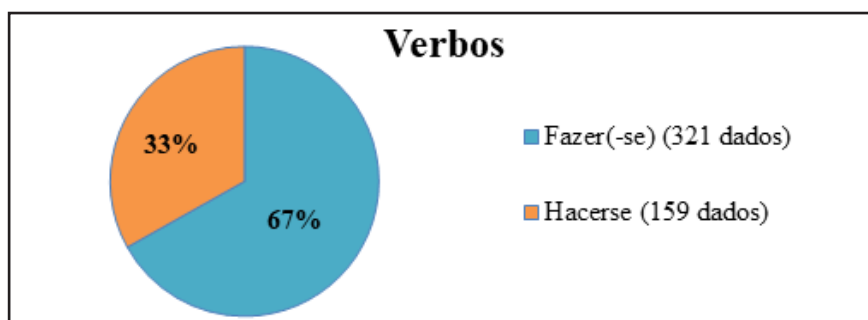
A fim de garantir o equilíbrio dos *corpora*, optamos por coletar dados até a quinta página no Google e, no *Sketch Engine*, até o quinquagésimo (50º) dado disponível na lista de resultado. Após a coleta, os dados passaram por uma triagem. Dessa forma, o *corpus* dessa investigação conta com 480 (quatrocentos e oitenta) dados.⁹ Por fim, passamos para a análise do *corpus*.

Na análise dos dados, consideramos, sistematicamente, os seguintes fatores: em termos de atributo formal, (i) o tempo e o modo do elemento verbal e (ii) a natureza do elemento nominal; em termos de atributo funcional, (i) a contribuição semântica dos construtos nos diferentes contextos em que estão inseridos.

RESULTADOS

Primeiramente, observamos a produtividade dos padrões tanto no PB quanto no EA. O Gráfico 1 revela-nos a frequência das instâncias no *corpus* com os verbos FAZER e HACERSE, ao passo que a Tabela 1 nos mostra todos os *types* coletados nas duas línguas, bem como a frequência *token/número de ocorrências deles*.

Gráfico 1 – Distribuição das instâncias no *corpus* com os verbos FAZER(-SE) e HACERSE.



Fonte: Autoral.

⁹ Cabe mencionar aqui que os dados com o verbo suporte FAZER se distribuem entre os anos de 2002 e 2020, enquanto os dados com o verbo de mudança de estado HACERSE, entre os anos de 1998 e 2018. O gerenciador de *corpus Sketch Engine* rastreou os dados do espanhol até o ano de 2018, por isso, diferentemente dos dados com o verbo suporte do PB, não há dados de anos posteriores com o verbo de mudança de estado.

Tabela 1 – Frequências *type* e *token* das instâncias no *corpus* com os verbos FAZER(-SE) e HACERSE.

Verbo suporte FAZER				Verbo de cambio HACERSE			
			%				%
1	fazer(-se) de boba	6	1,87%	1	hacerse la boba	3	1,89%
2	fazer(-se) de bobo	5	1,56%	2	hacerse el bobo	14	8,81%
3	fazer(-se) de bom homem	1	0,31%	3	hacerse la difícil	3	1,89%
4	fazer(-se) de bom moço	4	1,25%	4	hacerse el difícil	8	5,03%
5	fazer(-se) de burra	17	5,30%	5	hacerse el inteligente	8	5,03%
6	fazer(-se) de burro	17	5,30%	6	hacerse la loca	8	5,03%
7	fazer(-se) de coitadinho	9	2,80%	7	hacerse el loco	23	14,47%
8	fazer(-se) de coitado	14	4,36%	8	hacerse el sonso	4	2,52%
9	fazer(-se) de difícil	61	19,00%	9	hacerse la sota	1	0,63%
10	fazer(-se) de inteligente	10	3,12%	10	hacerse el sota	11	6,92%
11	fazer(-se) de louca	9	2,80%	11	hacerse la sueca	4	2,52%
12	fazer(-se) de louco	4	1,25%	12	hacerse el sueco	14	8,81%
13	fazer(-se) de maluca	7	2,18%	13	hacerse la tonta	9	5,66%
14	fazer(-se) de maluco	15	4,67%	14	hacerse el tonto	25	15,72%
15	fazer(-se) de morto	9	2,80%	15	hacerse la víctima	24	15,09%
16	fazer(-se) de rogado	4	1,25%				
17	fazer(-se) de salame	13	4,05%				
18	fazer(-se) de sonsa	9	2,80%				
19	fazer(-se) de sonso	19	5,92%				
20	fazer(-se) de tonta	10	3,12%				
21	fazer(-se) de tonto	10	3,12%				
22	fazer(-se) de vítima	68	21,18%				
Total		321	100%	Total		159	100%

Fonte: Autoral

Com base na observação do Gráfico 1, é possível ver que reunimos mais padrões no *corpus* do PB (67% dos usos). O *type* mais frequente com o verbo suporte FAZER é *fazer de vítima* com 68 (sessenta e oito) *tokens*, o que corresponde a 21,18% dos dados do PB. Já no EA, *hacerse el tonto* é o *type* mais frequente com o verbo de mudança de estado HACERSE, com 25 (cinte e cinco) *tokens*, totalizando 15,72% dos dados do EA. O *type* *hacerse la víctima* só ficou um pouco atrás com 24 (vinte e quatro) *tokens*, ou seja, 15,09% do total dos dados do EA. Com esse dado, notamos que, tanto no PB quanto no EA, há uma maior inclinação para o preenchimento do adjetivo *vítima/víctima* no último *slot* da construção de predicação de representação.

Analisamos os tempos e modos das expressões verbais; com isso, averiguamos que as construções de representação do PB contêm o verbo suporte FAZER: (i) nas formas nominais do infinitivo e gerúndio; (ii) nos tempos presente, pretérito perfeito e futuro do presente perifrástico do modo indicativo; (iii) nos tempos presente e pretérito imperfeito do modo subjuntivo; e (iv) no imperativo afirmativo e negativo. A disposição dos tempos e modos verbais está representada na Tabela 2:

Tabela 2 – Tempos e modos verbais das construções com verbo suporte FAZER.

Forma nominal		Indicativo			Subjuntivo		Imperativo	
Infinitivo/ Reflexivo	Gerúndio	Presente	Pretérito perfeito	Futuro do presente perifrástico	Presente	Pretérito imperfeito	Afirmativo	Negativo
223/321	18/321	53/321	1/321	11/321	1/321	1/321	1/321	12/321

Fonte: Autoral.

Com base na Tabela 2, notamos que a maioria das instâncias apresentou o verbo suporte na forma nominal do infinitivo/reflexivo. Como mencionado na parte metodológica, todos os padrões pensados foram pesquisados com o verbo no infinitivo, por isso, não perdemos de vista que esse resultado é consequência direta do procedimento de coleta dos dados e que, de todo modo, esse procedimento também leva a alcançar ocorrências no infinitivo ou no gerúndio em perífrases verbais (como nos exs. “*vai se fazer de salame*” e “*tá se fazendo de maluco*” adiante). Entre os excertos (8) e (16) encontramos dados com cada tempo e modo verbal observado no *corpus*:

- (8) Lá pelas tantas, Bruno convocou Pitt para o palco. Sem *se fazer de rogado*, o ator se juntou à banda e tocou pandeiro em um cover de “Sex Machine”, de **James Brown**. [Fonte: <https://www.cifraclubnews.com.br/noticias/77974-video-brad-pitt-da-uma-palhinha-em-show-de-bruno-mars.html>] (Infinitivo)
- (9) Paguei o boleto e vcs cancelaram a compra, pausaram anúncio... Qual foi quer me tirar de otário, tá *se fazendo de maluco*? [Fonte: https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-927871031-agitador-gangorra-velocidade-5-100-rpm-bivolt-_JM] (Gerúndio)
- (10) Nesta quinta-feira (25), em coletiva de imprensa, o candidato à presidência Fernando Haddad (PT) ressaltou que quem *se faz de coitado* é Jair Bolsonaro (PSL). [Fonte: https://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/politica/2018/10/25/interna_politica,766485/haddad-risco-democratico-que-bolsonaro-representa-fez-quem-se-faz-de.shtml] (Presente do indicativo)
- (11) Todos nós já *nos fizemos de vítimas* em algum momento em nossas vidas. [Fonte: <https://gerandoaguias.com/vitimismo/>] (Pretérito perfeito do indicativo)
- (12) Concordo plenamente. E vai ter gente aqui que é da alguma área de fiscalização e *vai se fazer de salame* ao olhar isso e não vai fazer nada. [Fonte: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2016/01/>]

- mais-de-2-ton-de-alimentos-improprios-consumo-sao-apreendidos-no-rs.html] (Futuro do presente do indicativo)
- (13) É comum que a pessoa **se faça de vítima** quando sabe que fez algo errado e não quer ser punida pelo que foi feito. [Fonte: <https://tudoparahomens.com.br/por-que-as-pessoas-se-fazem-de-vitima/amp/>] (Presente do subjuntivo)
- (14) [...] Herley gostaria que algum esperto programador **se fizesse de burro** para passar para trás um esperto golpista que também finja ser burro para encontrar alguma vítima que, ainda que não seja burra, seja extremamente crédula. [Fonte: <https://www.psicologiaracional.com.br/2016/01/estelionato-se-fazer-de-burro.html>] (Pretérito imperfeito do subjuntivo)
- (15) Esse seu senso de auto-preservação eu ainda preciso desenvolver. Parabéns pelo texto, foi bom ler algo diferente de: **se faça de difícil**. [Fonte: <https://f-utilidades.com/2015/08/11/relacionamento-se-fazer-de-dificil-e-o-joguinho-da-conquista/>] (Imperativo afirmativo)
- (16) [...] **seja você mesma! Não se faça de difícil**, de desinteressada ou mesmo de desencanada quando isso não for real. [Fonte: <https://f-utilidades.com/2015/08/11/relacionamento-se-fazer-de-dificil-e-o-joguinho-da-conquista/>] (Imperativo negativo)

No que diz respeito às construções de representação do EA, notamos que estas contêm o verbo de mudança de estado HACERSE: (i) na forma nominal pronominal; (ii) nos tempos presente, pretérito perfeito simples, pretérito perfeito composto e pretérito imperfeito do modo indicativo; e (iii) no tempo presente do modo subjuntivo. A distribuição dos tempos e modos verbais está ilustrada na Tabela 3:

Tabela 3 – Tempos e modos verbais das contruções com o *verbo de cambio* HACERSE.

Forma nominal	Indicativo				Subjuntivo
	Presente	Pretérito perfeito simples	Pretérito perfeito composto	Pretérito imperfeito	Presente
150/159	2/159	1/159	2/159	2/159	2/159

Fonte: Autoral.

A partir da Tabela 3, verificamos que, assim como ocorreu com os padrões do PB, a maioria das instâncias apresentou o verbo de mudança de estado na forma infinitiva/reflexiva. Tal resultado também está diretamente relacionado ao procedimento de coleta, já que todos os padrões pensados foram pesquisados com

o verbo na forma infinitivo/reflexivo. Entre os exemplos (17) e (22) encontramos dados com cada tempo e modo verbal observado no *corpus*:

- (17) Dice que ella no puede “*hacerse la loca*” con el sufrimiento animal. [Fonte: <https://www.latercera.com/noticia/las-defensoras-los-animales/>]¹⁰ (Pronominal)
- (18) Los milicos tuvieron conflictos entre ellos mismos – como toda banda mafiosa los tiene – también los tuvieron con sus compinches civiles por el reparto de la torta, y dentro de esos conflictos entraron algunos blancos y algunos colorados también, pero DESPUÉS de que les habían dado el mando. *Se hacen los bobos* y creen que todo el mundo es bobo. [Fonte: <https://kaosenlared.net/uruguay-operaci-n-limpieza/>]¹¹ (Presente do indicativo)
- (19) ¿Otras veces *te hiciste el loco* para zafar? Siempre sale bien hacerse el loco porque la gente le tiene mucho miedo a la locura. [Fonte: <https://www.charlygarcia.com.ar/2009/01/>]¹² (Pretérito perfeito simples do indicativo)
- (20) ¿*Te has hecho el difícil*? No sé hacer eso. [Fonte: <https://www.latercera.com/paula/rafael-gumucio-amor-hombre/>]¹³ (Pretérito perfeito composto do indicativo)
- (21) Menem se abandonaba a la faena de las privatizaciones caprichosas e irregulares, entregaba del manejo de la política económica a los ilustrados hombres del Fondo Monetario Internacional, sorteaba con habilidad su parentesco o familiaridad con personajes enlazados al lavado de dinero proveniente del narcotráfico, y el ecuaníme Solá *se hacía el tonto*. [Fonte: <https://profesionalespcm.org/Argentina/boludo.html>]¹⁴ (Pretérito imperfeito do indicativo)

¹⁰ Diz que ela não pode *se fazer de louca* com o sofrimento dos animais (tradução nossa).

¹¹ Os milicos tinham conflitos entre si – como toda gangue mafiosa os têm – também os tinham com seus comparsas civis para a distribuição do bolo, e dentro desses conflitos também entraram alguns brancos e alguns colorados, mas DEPOIS de terem recebido o comando. Eles *se fazem de idiotas* e pensam que todo mundo é idiota (tradução nossa).

¹² Outras vezes você *se fez de louco* para fugir? É sempre bom se fazer de louco porque as pessoas têm muito medo da loucura (tradução nossa).

¹³ *Se fez de difícil*? Não sei como fazer isso (tradução nossa).

¹⁴ Menem abandonou-se à tarefa de privatizações caprichosas e irregulares, entregou a gestão da política econômica aos homens esclarecidos do Fundo Monetário Internacional, esquivou-se habilmente de parentesco ou familiaridade com personagens ligados à lavagem de dinheiro do narcotráfico, e aos justos Solá *se fazia de tonto* (tradução nossa).

(22) El Presidente de turno – no sólo Daniel Ortega, todos han actuado igual – está siempre de acuerdo en que la Policía garrotee duro a “los otros” y, al mismo tiempo, está en total acuerdo en que la Policía “*se haga el sueco*” con “los suyos”. [Fonte: <https://www.envio.org.ni/articulo/4350>]¹⁵ (Presente do subjuntivo)

No polo formal analisamos também a natureza do elemento nominal envolvido na construção de representação e observamos que este pode ser tanto adjetivo quanto substantivo. As instâncias com o verbo suporte FAZER expressaram N_{adjetivo} e $N_{\text{substantivo}}$:

Tabela 4 – Natureza do elemento nominal das construções com o verbo suporte FAZER.

Substantivo	Adjetivo	
	Uniforme	Biforme
18/321	139/321	164/321

Fonte: Autoral.

De acordo com a Tabela 4, vemos que a grande maioria dos dados com FAZER (303 usos) expressa N_{Adjetivo} , sendo os adjetivos biformes os mais usados pelos emissores dos textos. As construções destacadas entre (23) e (25) exemplificam cada tipo de nome verificado no *corpus*:

(23) Para mãe de Eliza Samudio, Bruno “quer *se fazer de bom moço*”, mas “**é um monstro**” [Fonte: <https://jovempan.uol.com.br/programas/jovem-pan-morning-show/para-mae-de-eliza-samudio-bruno-quer-se-fazer-de-bom-moco-mas-e-um-monstro.html>] (Substantivo)

(24) Ele é a prova de que, para *se fazer de inteligente* nesse país, é só proferir platitudes genéricas, e ignorar solenemente as leis econômicas, dizendo que não se pode ser uma pessoa fria e sem sentimentos [Fonte: <https://www.mises.org.br/Article.aspx?id=1378>] (Adjetivo uniforme)

(25) Conheço varias virginianas que *se fazem de tontas*, e flerta com todo mundo, até sem querer, [...] [Fonte: <https://www.astrolink.com.br/forum.php?todo=viewtopic&tid=14292&>] (Adjetivo biforme)

No que concerne às instâncias com HACERSE, verificamos que os padrões expressaram apenas N_{Adjetivo} :

¹⁵ O Presidente de plantão – não só Daniel Ortega, todos agiram da mesma forma – sempre concorda que a Polícia bate “nos outros” com força e, ao mesmo tempo, está totalmente de acordo que a Polícia “*se faça de desentendida*” com “os seus” (tradução nossa).

Figura 5 – Natureza do elemento nominal das construções com o verbo *de cambio* HACERSE.

Adjetivo	
Uniforme	Biforme
55/159	104/159

Fonte: Autoral.

Com base na Tabela 5, notamos que a maioria dos construtos apresenta adjetivos biformes. Nos exemplos (26) e (27) podemos observar usos com adjetivo uniforme e adjetivo biforme, respectivamente:

(26) Tiempo atras, en una conferencia de prensa, en EEUU, un “Periodista” intento *hacerse el inteligente*, cuestionando la decision de Un entrenador de un equipo de una Universidad de EEUU. [Fonte: <http://pickandroll.com.ar/noticias/00016450/con-la-chapa-del-candidato/comentarios>]¹⁶ (Adjetivo uniforme)

(27) Dejen *hacerse el sonso*, para seguir perpetuando la alienación por eso estamos como estamos. [Fonte: <https://kaosenlared.net/si-yo-pudiera-cosa-imposible-mover-europa/>]¹⁷ (Adjetivo biforme)

Ao observarmos a contribuição semântica dos construtos nos diferentes contextos em que estão inseridos, verificamos que os padrões do PB e do EA, além de traduzirem diversos tipos de fingimento relacionados à falta de lucidez (*fazer-se de louca/hacerse la loca*), comportamento (*fazer-se de difícil/hacerse la difícil*) e ignorância (*fazer-se de burro/hacerse el sonso*), ainda podem indicar algum tipo de atitude do falante, ponto de vista com relação a algo/alguém/situação. Nesse sentido, podemos observar que os usos indicam modalização discursiva, isto é, são acionados pelos emissores dos textos em contextos, por exemplo, nos quais os falantes tecem algum tipo de crítica/opinião (28) e (29) a respeito de uma determinada pessoa/situação e de aproximação com o leitor por meio de dica/conselho (30) e (31):

(28) E Xico, quem me convence de que esse cara não falou isso justamente para impressionar e *se fazer de “bom homem”* pra moça? Tem homem com

¹⁶ Há algum tempo, em uma entrevista coletiva nos Estados Unidos, um “jornalista” tentou *se fazer de inteligente*, questionando a decisão de um técnico de um time de uma universidade americana (tradução nossa).

¹⁷ Parem de *se fazer de sonso*, para continuar perpetuando a alienação, por isso que somos como somos (tradução nossa).

esse discurso de casamento todo na ponta da língua, mas vai ver depois se são bons amantes, fiéis e comprometidos. [Fonte: <https://xicosa.blogfo-lha.uol.com.br/2013/03/01/quando-o-homem-vira-mulher-de-antigamente/comment-page-1/>]

(29) Osvaldo Andrade critica a Velasco: “No hay peor mala práctica que *hacerse la víctima*” [Fonte: <https://www.latercera.com/noticia/osvaldo-andrade-critica-a-velasco-no-hay-peor-mala-practica-que-hacerse-la-victima/>]¹⁸

(30) *Se fazer de difícil* é uma ótima maneira de chamar a **atenção** de um homem e fazer com que ele veja que você vale a pena. [Fonte: <https://pt.wikihow.com/se-Fazer-de-Dif%C3%ADcil-e-Fazer-com-que-Ele-Queira-Voc%C3%AA>]

(31) [...] Además, debes darle a entender que estás dispuesta a estar con el, *hacerse la difícil* con un chico sensible no funciona y ni se te ocurra entrar en juegos de celos. [Fonte: <https://www.quecompras.net/complementos/como-tratar-a-un-hombre-sensible/>]¹⁹

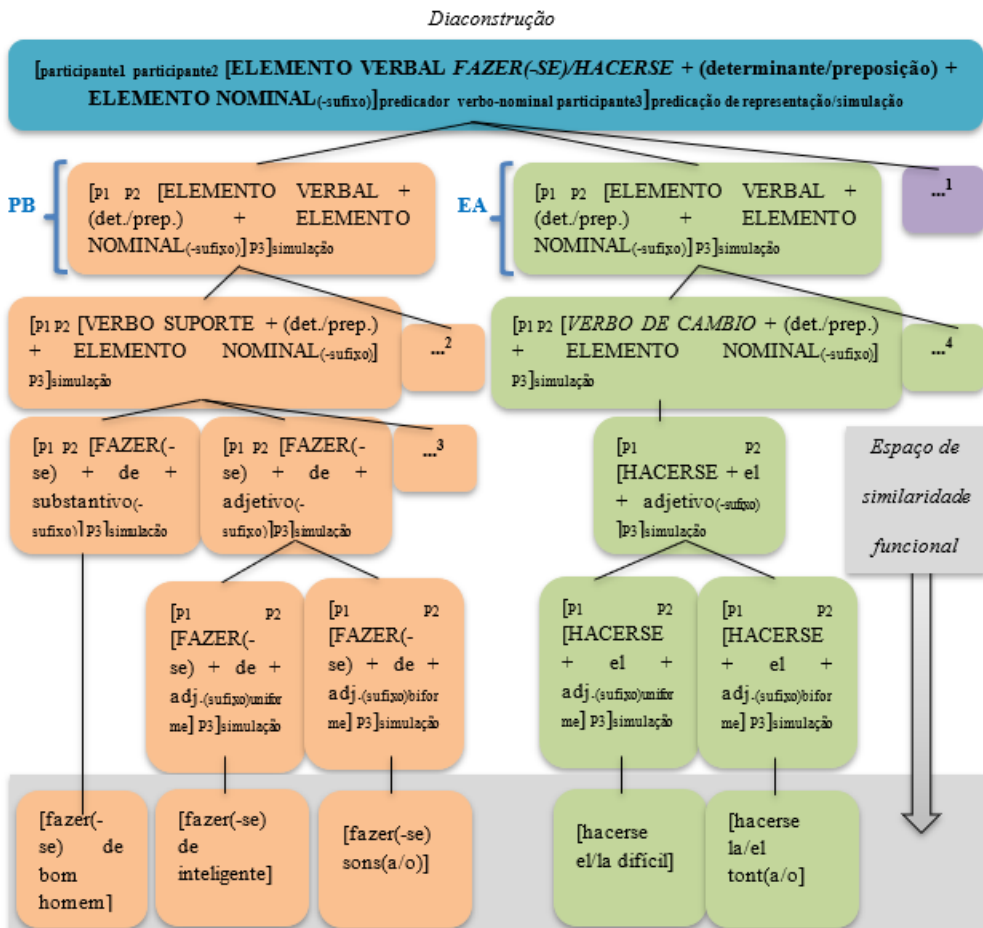
Os dados em (28) e (29) expressam críticas dos emissores dos textos com relação ao comportamento de outras pessoas que, supomos, é associado a comportamento não condizente com a realidade. Em (30) e (31), observamos o mesmo contexto entre os dados: dicas sobre como conquistar o outro. O intento de aproximação com o leitor para construir a dica está configurado por meio do uso do pronome pessoal *você* do português e conjugação dos verbos *estar* (estás) e *deber* (debes) na segunda pessoa do singular do espanhol.

A esquematização da rede de relações de semelhanças interlinguísticas entre os dados do PB e os dados do EA relacionados a instâncias que se prestam a indicar uma simulação evidencia-nos que as construções que dão margem a dados no PB e no EA estão ligadas por um conhecimento construcional que é comum e está na base das duas línguas, uma diaconstrução:

¹⁸ Osvaldo Andrade critica Velasco: “Não há má prática pior do que *se fazer de vítima*” (tradução nossa).

¹⁹ Além disso, deve dar-lhe a entender de que está disposta a estar com ele, *se fazer de difícil* com um homem sensível não funciona e nem pense em jogos de ciúmes. (tradução nossa)

Diagrama 1 – Rede construcional com perfil diassistêmico.



Fonte: Autoral.

Como observado no Diagrama 1, a diaconstrução é o esquema mais abstrato e geral que gera construções no PB, no EA e em outras línguas românicas²⁰ (primeiras reticências na representação). A construção do PB dá margem a padrões com verbo suporte e padrões com verbo semi-suporte (segundas reticências), verificado em alguns contextos como forma alternante ao verbo suporte.²¹ A construção

²⁰ A título de ilustração, apresentamos uso do italiano com o verbo suporte *fare*: Una persona che ama *fare la vittima* sicuramente non è solita elogiare se stessa anzi. Tende a mettere in evidenza i propri difetti e la propria fragilità./ Uma pessoa que ama *fazer a vítima* certamente não costuma se elogiar pelo contrário. Tende a destacar suas falhas e fragilidade (tradução nossa) [Fonte: <https://psicologi-online.it/vittima-come-comportarsi/>].

²¹ Cf. exemplo (6).

[_{P1 P2} [VERBO SUPORTE + (det./prep.) + ELEMENTO NOMINAL_(-sufixo)]_{P3}]_{simulação}
 licencia dois usos: um no qual o verbo suporte *fazer* é seguido de nome substantivo (*fazer-se de bom homem*) e outro com nome adjetivo (ambos precedidos ou não de preposição). As terceiras reticências ilustram outras configurações com outros verbos suportes do PB que também conservam a ideia de simulação.²² O padrão [_{P1 P2} [FAZER(-se) + de + adjetivo_(-sufixo)]_{P3}]_{simulação} dá margem tanto a formas com adjetivo uniforme (*fazer-se de inteligente*) quanto a formas com adjetivo biforme (*fazer-se de sonsa/o*).

A construção do EA licenciada pela diaconstrução dá margem a padrões com o verbo de mudança de estado *hacerse* e padrões com verbos de apoio (verbos suportes),²³ assim como no PB (quartas reticências). A construção [_{P1 P2} [VERBO DE CAMBIO + (det./prep.) + ELEMENTO NOMINAL_(-sufixo)]_{P3}]_{simulação} licencia apenas um uso, no qual o verbo de mudança de estado *hacerse* é seguido de nome adjetivo. O padrão [_{P1 P2} [HACERSE + el + adjetivo_(-sufixo)]_{P3}]_{simulação} dá margem a microconstruções com adjetivo uniforme (*hacerse el/la difícil*) e biforme (*hacerse la/el tonta/o*).

Apesar da diferença formal observada entre os padrões do PB e do EA, cabe destacar a similaridade funcional dos usos:

- (32) Tenho visto, ouvido e acompanhado inúmeros relatos de pessoas que adoram ***fazer-se de coitadinho***. Percebo que ao precisar de um afeto ou carinho muitos caem no velho e único meio que é o de chamar atenção simulando

²² Penha (2021) analisa dados com *dar* (dar uma de vítima), *fazer* (fazer-se de vítima), *passar* (passar-se por vítima), *posar* (posar de vítima) e *tirar* (tirar de vítima). Além desses usos, a autora apresenta outras possíveis configurações, como *bancar de X* e *pagar de X*. Cabe ressaltar que no PB ainda encontramos construções com determinante ao invés da preposição em sua configuração: [...] agora Rihanna resolveu ***fazer a doida*** na cidade e foi para as ruas da Irlanda terminar de filmar o clipe [Fonte: <https://www.dominioPOP.com/depois-do-campo-rihanna-vai-para-a-cidade-gravar-novo-clipe/>].

²³ Em uma pesquisa rápida é possível verificarmos usos com o verbo suporte *posar*: El lunes anterior Bruno Seidel Arango creó un grupo en WhatsApp que denomino PAVA-LA PATRIA, al que vinculó a más de 250 personas, con el supuesto fin de plantear un problema de ética, libertad de prensa, responsabilidad en la opinión, y otras cosas que, a mi modo de ver, resultó ser una encerrona para ***posar de víctima y perseguido***, tratando de generar solidaridad, la cual encontró solo en sus invitados de confianza. / Na segunda-feira anterior Bruno Seidel Arango criou um grupo no WhatsApp que chamou de PAVA-LA PATRIA, que vinculou a mais de 250 pessoas, com o suposto propósito de levantar um problema de ética, liberdade de imprensa, responsabilidade de opinião, entre outras coisas que, a meu ver, acabaram sendo uma armadilha para se fazer ***posar de vítima e perseguido***, tentando gerar solidariedade, que ele só encontrava em seus convidados de confiança [Fonte: <https://periodicodebate.com/index.php/opinion/columnistas-regionales/item/10833-construir-sobre-la-deiferencia>] (tradução nossa).

seus estados imitando crianças que requerem usado até mesmo o choro.
[Fonte: <https://www.pensador.com/coitado/2/>]

- (33) Hay que ser muy cínico o ***hacerse el tonto*** para negar la inviabilidad de un sistema que hace aguas. [Fonte: <https://www.parlamentario.com/2017/12/19/quien-perdio-mas-con-todo-esto/>]²⁴

As construções em destaque em (32) e (33), assim como as demais exploradas ao longo do capítulo, prestam-se a configurar uma cena de representação ou uma tentativa nesse sentido.

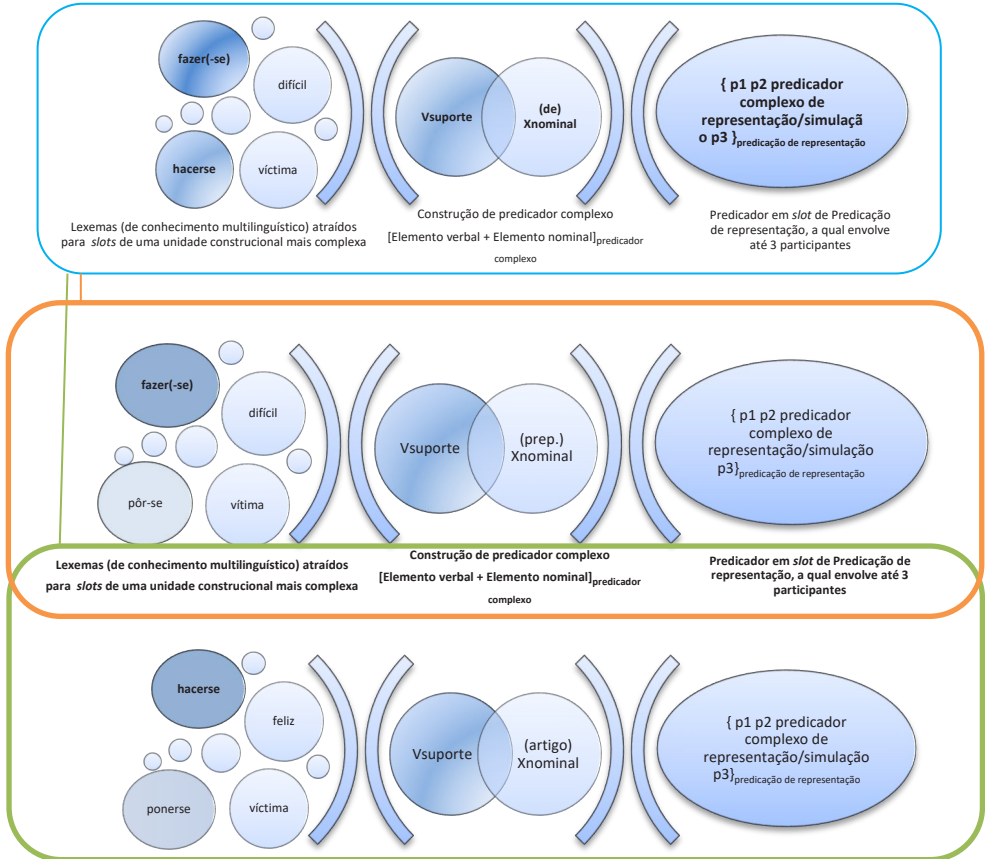
DISCUSSÃO

Em linhas gerais, a presente investigação abre caminhos, em termos operacionais e representacionais, para que o mapeamento de construções gramaticais, no Brasil, contemple diassistematicidade, que se revela na experiência de usos e é inerente ao nosso conhecimento linguístico. A concepção de língua como um conjunto de sistemas e subsistemas interconectados é cara a investigações sociolinguísticas. A diferença está na perspectivação de representação de rede construcional como heterogênea e, portanto, na promoção do debate sobre o lugar e a descrição da variação nesse referencial gramatical em termos de análises contrastivas de línguas e variedades destas. O estudo que dá contorno a este capítulo é uma contribuição brasileira nesse sentido.

O Diagrama 1 mostra-nos que a diaconstrução pode gerar não somente usos no PB e no EA, mas em outras línguas também (como o italiano) e, que, além dos padrões aqui analisados com FAZER(-SE) e HACERSE, ainda pode licenciar outros *types* construcionais em ambos os sistemas linguísticos. Alcançamos então, com base em uma amostra de dados, o primeiro *design* de uma entre outras diaconstruções de predicação comuns a línguas românicas:

²⁴ Tem que ser muito cínico ou ***se fazer de tonto*** para negar a inviabilidade de um sistema falho (tradução nossa).

Figura 2 – Predicação comum entre os usos da diaconstrução de representação.



Fonte: Autoral.

Concebemos, então, que lexemas verbais e nominais são atraídos para *slots* de uma construção de predicador complexo cuja configuração conta ou não com partícula/vocábulo gramatical e que, por sua vez, corresponde ao *slot* predicante numa predicação de representação verbal.

E, a partir dessa representação a que os dados nos levam, já passamos a trabalhar com a hipótese de que, ao lugar de *Vsuporte*, sejam relacionados (por atração ou coerção) outros lexemas verbais, para além de *fazer(-se)* e *hacerse*, tanto em Português quanto em Espanhol, na linha, por exemplo, de manifestações como estas: <https://www.accionpoetica.com/no-sabia-que-ponerme-y-me-puse-feliz/> (acesso em 18 ago. 2021) ou “A edição do @boninho vai lá e endeusa quem **se põe de vítima** e de vilão quem joga.” #BBB21pic.twitter.com/ 10 Mar 2021 (acesso em

18 ago. 2021). E, então, essa investigação já conduz a novas investigações. E, entre as questões que mobiliza, estão, por exemplo, estas: Com que outras configurações a construção de representação/simulação pode ser expressa? E, havendo outras, qual o grau de similaridade e de dessemelhança entre elas?

A variação por similaridade que pode ser observada entre duas ou mais línguas distintas leva-nos, ainda, aos seguintes questionamentos teórico-explicativos: Como representar o grau de diassistematicidade na rede construcional, de modo a lidar com o licenciamento de dados (conjuntos de exemplares do protótipo e exemplares periféricos) em diferentes línguas? E, por outro lado, como articular isso com as particularidades discursivo-pragmáticas, cognitivas e/ou socioculturais das experiências de uso em cada língua, potencialmente com idioconstruções?

Em suma, os resultados evidenciam a possibilidade do tratamento comparativo entre usos do PB e do EA no que diz respeito à configuração de predicadores complexos de representação/simulação; entretanto, as conclusões logradas até o momento ainda são preliminares, o que nos dá margem para novas hipóteses e uma investigação mais aprofundada futuramente sobre, por exemplo: (i) a configuração de participantes envolvidos na estrutura de representação/simulação mais entrenchada cognitivamente, pois, embora os dados evidenciem até três participantes, sendo o terceiro aquele para o qual a representação está direcionada (cf. exemplos (22) e (28)), há espaço para variação entre dois e três participantes implicados; e (ii) os frames discursivos em que se acionam os usos licenciados pela diaconstrução no PB e no EA. Afinal, outro caminho a ser explorado é aquele que vai além da combinação de construções em sentenças e perspectiva a contextualidade discursiva e pragmática como vital para se apreender a conceptualização em jogo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo aqui apresentado teve como objetivo principal a análise comparativa de certas predicções em duas realidades linguísticas: o português brasileiro e o espanhol americano. Nesse sentido, operamos com o conceito de diassistema em articulação ao da perspectiva construcional, no que tem sido intitulado de gramática construcional diassistemática assumida mais recentemente no Projeto PREDICAR (Formação e expressão de predicados complexos e predicções: estabilidade, variação e mudança construcional).

Com base em pesquisa empírica, averiguamos que, no que tange ao polo formal, as construções de predicção de representação do PB apresentam o verbo suporte FAZER (em diferentes tempos e modos verbais) seguido de nome (substantivo

ou adjetivo). Os padrões com o verbo de mudança de estado HACERSE no EA também têm o verbo em diferentes tempos e modos verbais, e são seguidos apenas de nomes adjetivos. No que diz respeito ao polo funcional, notamos que os falantes do PB e do EA recorrem a padrões complexos para construir sentidos que designam algum tipo de simulação, um subtipo de representação. Vimos também que os construtos da construção de representação sinalizam modalização discursiva, ou seja, são acionados pelos falantes em contextos em que sobressaem inferências de, por exemplo, críticas e dicas/conselhos.

A partir da categorização até então feita, verificamos que a diaconstrução pode gerar dados no PB, no EA e, por hipótese, em outras línguas românicas. Observamos também que as construções licenciadas pela diaconstrução dão margem tanto a padrões com elemento nominal substantivo quanto adjetivo (precedidos ou não de preposição).

Por fim, esperamos que esta investigação contribua para a análise dos fenômenos linguísticos no âmbito da abordagem construcional e, por conseguinte, a perspectivação do caráter diassistêmico e heterogêneo da língua, que ainda carece de ser contemplado.

REFERÊNCIAS

- CONDE NOGUEROL, María Eugenia. *Aproximación al tratamiento lexicográfico de los verbos de cambio em tres diccionarios generales del español*. Anuario de Letras. Lingüística y Filología, volumen III, 2, año 2015: 5-23.
- GOLDBERG, Adele. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: Chicago University Press, 1995.
- GOLDBERG, Adele. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- GOLDBERG, Adele. *Compositionality*. In: N. Riemer (ed.). *Semantics Handbook*. Routledge. p. 419-430, 2016.
- HANUŠOVÁ, Bc. Barbora. *Hacerse como verbo de cambio y la problemática de su traducción al checo*. MASARYK UNIVERSITY, FACULDADE DE FILOSOFIA/ Departamento de Línguas e Literaturas Românicas/ Tradução da língua espanhola, 2016, 90-f. Tese do diploma de Mestre.
- HÖDER, Steffen. *Multilingual constructions: a diasystematic approach to common structures*. *Multilingual individuals and multilingual societies*. Benjamins: Kurt Braunmüller, Christoph Gabriel, p. 241-257, 2012.

HÖDER, Steffen. Constructing diasystems: Grammatical organisation in bilingual groups. *The sociolinguistics of grammar*. Benjamins: Tor A. Åfarli; Brit Mæhlum, p. 137- 152, 2014.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Predicar com construção com verbo suporte. In: *Uma história de investigação sobre a língua portuguesa: homenagem a Silvia Brandão/ organizado por Alessandra de Paula...[et al.]*. São Paulo: Blucher, 2018, p. 91-112.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Variação construcional em perspectiva: predicação verbal. *Pensares em Revista*, São Gonçalo-RJ, n. 19, p. 30-55, 2020a.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Língua, sociedade e relações de poder: a produção escrita de surdos. In: *Aprendizes surdos e escrita em L2: reflexões teóricas e práticas [livro eletrônico] / organização: Roberto de Freitas Junior, Lia Abrantes Antunes Soares e João Paulo da Silva Nascimento*. RJ: UFRJ, 2020b, p. 36-56.

PENHA, Jeane Nunes da. *Construções com verbos suportes: uma análise socioconstrucionista*. Dissertação (Mestrado). UFRJ/ Faculdade de Letras/ Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa), 2021, 177f.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and Construction changes*. GreatBritain: Oxford University Press, 2013.